

Uma breve comentário do mercado de trabalho do brasil

Rodrigo Leme Souza¹

lemeroswell@hotmail.com

Fecha de Recepción: 24-01-2020

Fecha de Aceptación: 03-05-2020

Resumo

A tendência do mercado de trabalho não se aborda somente o trabalho formal, o que temos hoje nos países, são trabalhadores que possuem empregos formais, com carteira de trabalho assinado; trabalhadores na informalidade, trabalhadores com empresas empreendedoras informal. Além disso, há empresas que contribui para a previdência e outras não. Os jovens têm a maior taxa de desemprego entre a idade de 17 a 24 anos, que estão na informalidade de seu 1º emprego, até que seja legalizado para o segundo emprego. Essa característica fica mais visível dentro de uma amostragem dos países da América. O Brasil apresenta uma taxa de 11,2% de desocupação, um dos países que possuem a maior taxa de desempregados da América. Esta pesquisa reúne vários autores, com a finalidade de diagnosticar seus objetivos e os principais resultados, não se limitando apenas nos dados divulgados no último ano, mas sim uma forma de contribuição social e trazendo para a nossa realidade os principais percentuais dessa população.

Palavras chave:

Taxa. Ocupação. Desocupação. Emprego. Formalidade.

Resumen

La tendencia del mercado laboral no solo se dirige al trabajo formal, que hoy tenemos en los países, son los trabajadores que tienen trabajos formales, con una tarjeta de trabajo firmada;

¹ Doutorando em Ciências Empresariales y Sociales Aplicadas na Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales em Buenos Aires - Argentina - Conveniada com a Universidade de Hochschule MAINZ (Alemanha). Especialista em Controladoria e Contabilidade Gerencial pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas e Avaré Conveniada pelo CRC/SP. Especialista em Gestão Pública no Centro Universitário Eurípedes da Rocha de Marília do Estado de São Paulo. Especialista em Auditoria pela UEPG -.

trabajadores informales, trabajadores con empresas empresariales informales. Además, hay empresas que contribuyen a la seguridad social y otras que no. Los jóvenes tienen la tasa de desempleo más alta entre las edades de 17 a 24 años, quienes están en la informalidad de su primer trabajo, hasta que son legalizados para su segundo trabajo. Esta característica es más visible dentro de una muestra de países de América. Brasil tiene una tasa de desempleo del 11.2%, uno de los países con la tasa de desempleo más alta de América. Esta investigación reúne a varios autores, con el fin de diagnosticar sus objetivos y los principales resultados, no solo limitados a los datos publicados en el último año, sino más bien una forma de contribución social y de traer a nuestra realidad los principales porcentajes de esta población.

Palabras clave:

Tasa. Ocupación Evacuación Empleo Formalidad

Abstract

The tendency of the labor market is not only addressed to formal work, which we have today in countries, are workers who have formal jobs, with a signed work card; informal workers, workers with informal entrepreneurial companies. In addition, there are companies that contribute to social security and others that do not. Young people have the highest unemployment rate between the age of 17 to 24, who are in the informality of their first job, until they are legalized for their second job. This characteristic is more visible within a sample of countries in America. Brazil has an unemployment rate of 11.2%, one of the countries with the highest unemployment rate in America. This research brings together several authors, with the purpose of diagnosing its objectives and the main results, not limited only to the data released in the last year, but rather a form of social contribution and bringing to our reality the main percentages of this population.

Key words:

Rate. Occupation. Evacuation. Job. Formality.

Introdução

O egresso de jovens no mercado de trabalho há um envolvimento em particular, que raramente é observado da mesma maneira de um trabalhador ou grupo de trabalhadores. Essas

questões estão correlacionadas por falta de informações. Esta tendência de distinção se dá por falta de conhecimento dos jovens, por conta de falta de experiência prévia. Mesmo estes jovens que ao fizerem a transição entre a escola e ao trabalho, também há uma carência das competências a serem realizadas para cada atividade escolhida, para atuar em seu emprego. Além de obterem uma experiência individual, geralmente esses jovens são poucos valorizados em sua atividade, existindo até a exploração no trabalho.

Os jovens que buscam o primeiro emprego são definidos pela busca da atividade não profissional até o momento, porém essa busca há uma demora longa para se encaixarem no emprego até a sua ocupação. Meneses e Pichetti (2000) e Filho (2005) demonstram tendências que esses fatos são existentes no mercado de trabalho para os jovens e concluem que a taxa de desemprego apresentado é elevada para essa faixa etária. Para Biavaschi et al. (2012), após de analisar vários países em sua pesquisa, verificou que a taxa de desemprego entre os jovens é maior, comparadas com os adultos. No Brasil e vários diversos países também reporta a esse cenário, não deixando de lado que a taxa de desemprego também afeta os adultos.

Essa posição não é ocupada somente para jovens com carteira assinado (mercado formal), ainda existe a transição destes jovens que estão no mercado informal (sem registro e carteira de trabalho), recebendo suas remunerações mais baixas do que merecem, porém é uma entrada no emprego formal. Para os adultos, também temos a taxa de desemprego alto, comparado com o percentual da faixa etária dos adultos e jovens.

Em alguns países há a contratação do indivíduo com a modalidade de trabalho temporária, principalmente em período de festas nacionais de final de ano, porém alguns tem sorte de ser contratados por tempo indeterminado.

Desenvolvimento

O interesse por desenvolver esta temática despertou a partir dos seminários do doutorado, que trataram aspectos empresariais, suas atualidades e perspectivas. E a partir deste ponto, direcionou à atenção entre o mercado de trabalho com todas as classes etária com os dados de dezembro de 2019.

Logo, após aos estudos e apreciações com certo rigor, foram publicados em livros especializados dois capítulos de livro cujo tema estava direcionado com a Sociologia das Organizações na temática de Administração de Empresa, com o título de: “A Sociologia dos Gêneros nas Organizações”, e ainda; na mesma editora, no livro de Gestão Pedagógica e

Docência, com o título de: “Um breve comentário do processo e a evolução da educação superior vinculado nas universidades, empresas e governo”, com essa proposta, surgiu a pretensão de construir uma pesquisa voltada ao tema do mercado de trabalho sobre a sua desocupação.

Como há mencionado, a pesquisa explorará a interação entre o mercado de trabalho para que possamos analisar sociologicamente e economicamente, observando se estão obtendo um desenvolvimento positivo ou não de empregabilidade.

Para o desenvolvimento social, muitas vezes os jovens participam no cenário econômico. Se trata agora, de aproveitar a existência do desenvolvimento teórico em matéria sociológica, econômica, empresarial, educacional e governamental; aplicando integralmente, para mensuração e avaliação destes dados. Esta pesquisa procura contribuir com clareza no mundo acadêmico e futuros pesquisadores para aprimorar o crescimento e a contribuição para melhoria contínua na formação dos estudantes e trabalhadores.

A partir do reconhecimento dessa complexidade os dados/indicadores envolvidos, surge a necessidade de questionamentos que podem ser utilizados de forma individual ou em simultâneo, de tal forma que permitem a avaliar a questão de idade, salários, gêneros, deficiência educacional, empregados, empreendedores ou desempregados. O parâmetro da literatura utilizado é um dos fatores para analisar o desempenho dos resultados, porém há necessidade em termos, de uma pesquisa mais fundamentada na questão sociológica, que tem se exigido cada vez mais na produção de informações úteis para cruzar os dados entre a escola, mercado de trabalho e a taxa de desemprego. Este conceito tem a finalidade de cruzar dados, com o escopo de agregar informações, tais como: obter estudos para a qualidade de vida, melhorar as pesquisas acadêmicas, melhorar o status macroeconômico e microeconômico dos países e reconhecimento do mercado formal dos trabalhadores.

Quando sociologicamente se estuda o mercado de trabalho, é possível analisar os seguintes itens: o número e percentual de empregos e desempregados; percentual da taxa de desempregados com relação ao mesmo período do ano anterior; a taxa de desempregados por gêneros; a taxa de desemprego comparado com outros países e a relação da escolaridade com a taxa de desemprego.

O ciclo de vida dos jovens é caracterizado por duas situações; são elas: a saída da escola desses jovens e a entrada do mercado de trabalho. Juntamente com a saída da casa dos pais por atingirem a maioridade, a fecundidade e o casamento, conforme apontam Camarano, Kanso e

Mello (2006, p. 95). Em outros termos, “a juventude depende de uma moratória, um espaço de possibilidades aberto a certos setores sociais e limitado a determinados períodos históricos” (Margulis; Urresti, 1996, p. 13). Esta moratória teria se originado da postergação das exigências sociais típicas da vida adulta, que acaba transferindo essa cultura para outras gerações, especialmente as relativas ao casamento e ao trabalho, em favor de um “tempo legítimo para dedicar-se ao estudo e à capacitação”. Define-se desse modo um conceito sociológico de juventude, que não se reduz a uma mera categoria etária e, por isso mesmo, permite a crítica de que abriga diferenças, de classe e gênero.

Nesta perspectiva, os jovens acabam iniciando o adiamento da entrada no mundo do trabalho, estaria na origem da própria condição juvenil para um mercado formal ou não, sem garantia previdenciária em alguns casos. Porém, os autores advertem que a juventude envolve não apenas a moratória social mencionada, mas também uma moratória vital e cultural – decorrente do fato de que os jovens estão a princípio mais longe da velhice, da enfermidade e da morte – que se integra a uma memória geracional, elaborada a partir das experiências compartilhadas.

A pesquisa se justifica em três eixos: (I) aos jovens e adultos que estão computados na escola ou empresa, sua idade, raça e gênero; (II) os grupos de brancos, negros ou pardo com relação ao mercado de trabalho, analisando a sua diferença entre os rendimentos, hora de trabalho, posição de ocupação e (III) contribuição da pesquisa que possam ser melhoradas na contratação que estão desempregados.

Os dados publicados dessa população que estão ocupados e desocupados, e um dos instrumentos mais usados, nas últimas décadas foram os Institutos Governamentais. Devido as mudanças sofridas nas organizações.

Em período recente, a expansão mais moderada da população ocupada, impediu uma desaceleração mais significativa da taxa de desocupação. Um dos dados utilizados foram extraídos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada com a carta de conjuntura do 4º trimestre de 2019, que demonstra a queda de ocupação dos trabalhadores no ano de 2019.

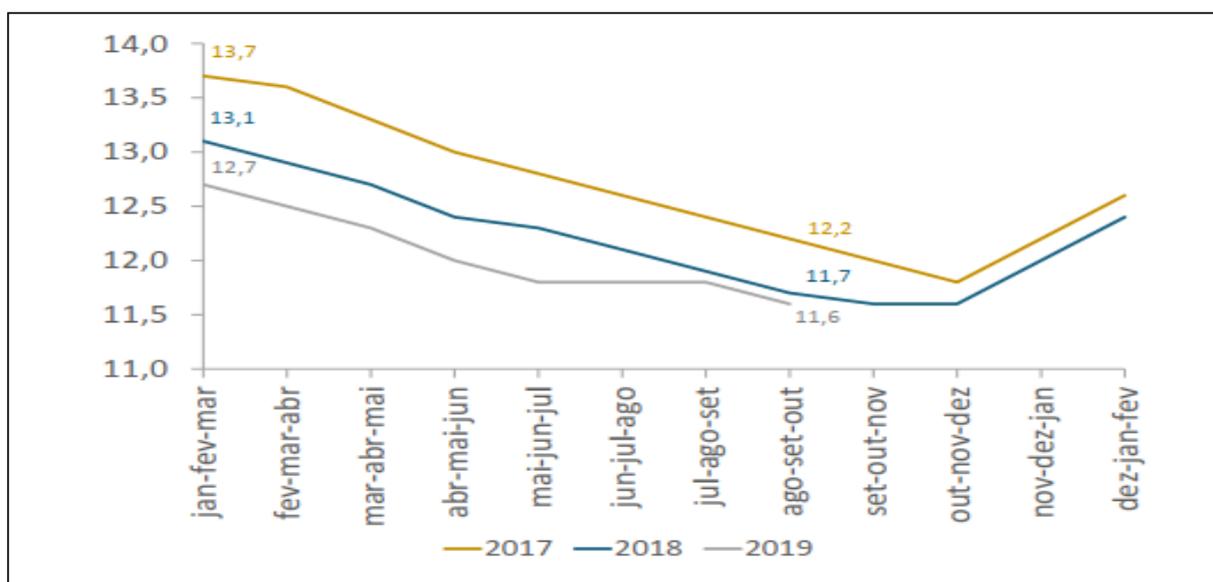
Considerando-se os aspectos que indicam um mercado de trabalho um pouco mais favorável, principalmente em relação a sub-ocupação, ao desalento e ao desemprego de longo prazo na questão sociologia, a revisão de literatura possibilitou resgatar alguns trabalhos científicos neste foco. O trabalho de Neri (2014), comentou sobre a “Onda jovem na educação profissional: determinantes e motivações”; para os autores Costa e Oliveira (2014), comentou sobre o “Perfil

educacional dos jovens: atraso e fluxo escolar”; Costa e Ulysea (2014), “O fenômeno dos jovens nem-nem”; para Reis (2014), demonstra uma “Análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileira”, segundos os autores Corseuil, Foguel, Gonzaga e Ribeiro (2014) comenta sobre a “Rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro”; Campos (2014) pesquisa sobre os “Jovens e sindicatos: desafios para o futuro da regulação do trabalho”; Rangel (2014) pesquisa sobre a “Cobertura previdenciária de jovens no período de 2003 a 2012: Uma investigação dos possíveis efeitos de políticas de incentivo à inclusão previdenciária”, Araújo, Botelho, Codes, Serrano e Pinto (2014), pesquisou sobre “A migração interna dos jovens como alternativa para melhorar sua inserção no mundo do trabalho: evidências a partir dos censos de 2000 e 2010”; Cerqueira e Moura (2014) esclarece um comparativo sobre as “Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil”; já Cerqueira e Moura (2014) realizam “O custo da juventude perdida no Brasil”; para Letelier G. (1999), comenta sobre a “Escolaridade e Inserção no mercado de trabalho”, Silva e Andrade (2009), trata da “Política Nacional de Juventude: Avanços e Dificuldades”; para Camarano e Mello (2009) relata “Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros”, para Corbucci, Cassiolato, Codes e Chaves (2009), comenta sobre a situação dos jovens brasileiros”; Gonzalez (2009) pesquisa sobre as Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho e a saída?”; Paiva, Ribeiro, Silva, Servo, Nogueira e Piola (2009) relata sobre os “Jovens: morbimortalidade, fatores de riscos e políticas de saúde”; para Fontoura e Pinheiro (2009) comenta sobre o “Síndrome de Juno: Gravidez, juventude e políticas públicas”; Jaccoud, Hadjad e Roxe (2009) relata sobre a “Política de assistência social e a juventude: um diálogo sobre a vulnerabilidade social?”; Ferreira, Fontoura, Aquino e Campos (2009) descreve sobre a “juventude e políticas de segurança pública no Brasil”; para Barbosa e Araújo (2009), evidência sobre a “Juventude e Cultura”; Ferreira e Alves (2009) relatam sobre a “Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar”; Silva, Silva e Rosa (2009) pesquisaram mais sobre a raça que relatam sobre “Juventude negra e educação superior”; Rangel, Pasinato e Mendonça (2009) pesquisaram sobre os “Aspectos previdenciários da inserção dos jovens no mercado de trabalho nas últimas duas décadas” e por fim; temos os autores Corsell, Santos e Foguel (2001), pesquisou sobre as “decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho em seis países das América Latina”. Os trabalhos apresentados foram publicados em anais do Instituto de Pesquisa Economica Aplicada nos anos de 2009 e 2014.

Nota-se que os autores, pesquisados buscam tratar sobre a teoria e com os dados práticos como estudo de caso, utilizando a sociologia como o comportamento desta amostragem. Ainda os autores de forma geral, estão redigindo seus textos com a mensuração da dificuldade de encontrar o primeiro emprego destes jovens e outros autores mais contemporâneos utilizam mais sobre a vida social destes jovens com dificuldade também de obter o primeiro emprego. Outro ponto a observar, é que os autores estão sempre mencionando os dados estatístico, gênero, raça etc., para agregar informações para que possamos no futuro mudar inverter esses dados que não são positivos.

Depois de ponderar, a faixa etária dos jovens que estão ocupados ou não, no que diz respeito aos objetivos e os principais resultados, buscou-se demonstrar os principais indicadores em percentual sobre essa dados com o fechamento do 4º trimestre de 2019 realizado pela IPEA. Sendo assim, a (figura 1), apresenta a taxa de desocupação no Brasil no ano de 2019.

Figura 1. Taxa de desocupação em 2019 no Brasil.



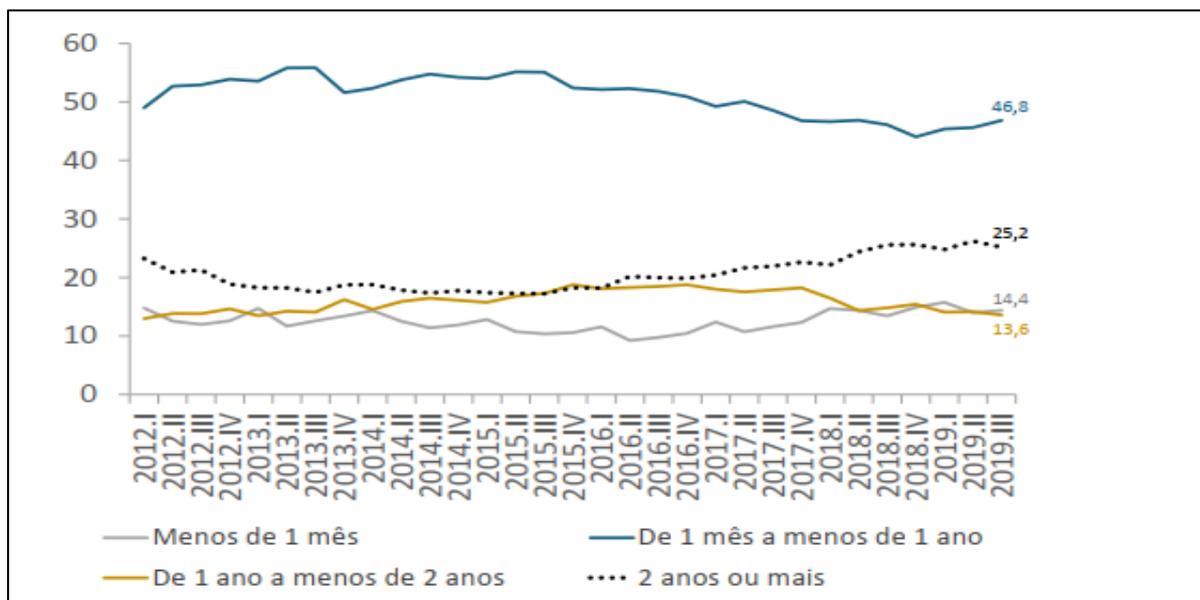
Fonte: PNAD Contínua/IBGE/IPEA

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas

De acordo com a fonte PNAD Contínua/IBGE, observa-se que houve uma queda da taxa de desocupação para 11,6% no 3º trimestre de 2019, percentual que se confirma no fechamento do ano de 2019 e comparado com o ano de 2017 que tinha uma taxa de desocupação de 12,2%, houve a reduziu 0,60% comparado naqueles anos. Buscando informações no banco de dados

da Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia do sistema CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, aponta o crescimento no mercado de trabalho no país, enquanto a (figura2) ilustra a parcela de desocupados por tempo de procura no mercado de trabalho:

Figura 2. Parcela de desocupados por tempo de procura



Fonte: PNAD Contínua/IBGE/IPEA

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/IPEA.

Nesta figura que represente a parcela por tempo de procura de emprego, temos dois extremos a ser pontuado, uma dela é que temos 14,4% dessa população entra no mercado de trabalho menos de 1 mês, enquanto 46,8% temos uma representatividade na procura de um emprego de 1 mês a mesmo de 1 ano.

A taxa de desemprego se concentra muito mais na região do Nordeste do Brasil, dados que se confirma ao longo do tempo, em 2019 no terceiro trimestre se comprova a pesquisa que a taxa de desemprego em percentual é de 14,4% somente naquela região, enquanto no sul a taxa de desocupação é de 8,1%. Outro dado importante é o gênero, nos últimos 3 anos a taxa de desocupação concentra-se em gênero feminino. Apesar da queda significativa no mesmo período de análise os jovens ainda tem um percentual elevado de desemprego, ou seja; em 2019 a taxa é de 25,7% na faixa etária de 18 a 24 anos de idade, enquanto na faixa etária de 25 a 39 anos a taxa é animadora que é de 10,8%, de 40 a 59 anos a taxa é de 7,1% e 4,6% acima de 60 anos de idade. Outro dado interessante que concentra o desemprego na área educacional para

aqueles que não possuem o ensino médio completo o percentual é de 20,6% que estão desocupados, conforme os dados da (figura 3), abaixo:

Figura 3. Taxa de desemprego em percentual.

	2017		2018				2019		
	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.
Brasil	12,4	11,8	13,1	12,4	11,9	11,6	12,7	12,0	11,8
Centro Oeste	9,7	9,4	10,5	9,5	8,9	8,5	10,8	10,3	10,2
Nordeste	14,8	13,8	15,9	14,8	14,4	14,4	15,3	14,6	14,4
Norte	12,2	11,3	12,7	12,1	11,5	11,7	13,1	11,8	11,7
Sudeste	13,2	12,6	13,8	13,2	12,5	12,1	13,2	12,4	11,9
Sul	7,9	7,7	8,4	8,2	7,9	7,3	8,1	8,0	8,1
Masculino	11,0	10,5	11,6	11,0	10,5	10,1	10,9	10,3	10,0
Feminino	14,2	13,4	15,0	14,2	13,6	13,5	14,9	14,1	13,9
18 a 24 anos	26,5	25,3	28,1	26,6	25,8	25,2	27,3	25,8	25,7
25 a 39 anos	11,3	10,8	11,9	11,5	11,0	10,7	11,9	11,1	10,8
40 a 59 anos	7,4	7,0	7,8	7,5	6,9	6,9	7,5	7,2	7,1
Mais de 60 anos	4,3	4,2	4,6	4,4	4,5	4,0	4,5	4,8	4,6
Não de Chefe Família	16,4	15,3	17,2	16,3	15,6	15,3	16,6	15,5	15,1
Chefe de Família	7,6	7,4	8,1	7,8	7,3	7,1	7,9	7,7	7,6
Fundamental Incompleto	11,4	10,9	12,0	11,4	11,0	11,0	11,3	10,9	11,1
Fundamental Completo	14,8	13,6	14,8	13,8	13,5	13,5	13,9	13,9	13,8
Médio Incompleto	21,0	20,4	22,0	21,1	20,9	19,7	22,1	20,5	20,6
Médio Completo	14,0	13,0	14,9	14,0	13,2	12,8	14,6	13,6	12,9
Superior	7,9	7,8	8,7	8,4	7,8	7,5	8,6	8,1	7,7
Região Metropolitana	14,1	13,7	14,7	14,4	13,8	13,3	14,3	13,8	13,4
Não Região Metropolitana	11,2	10,3	11,9	10,9	10,4	10,3	11,5	10,6	10,5

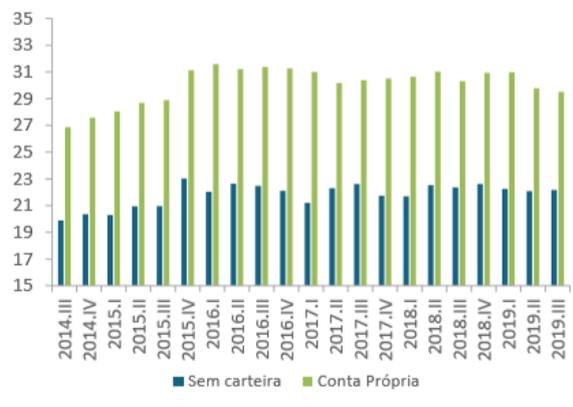
Fonte: PNAD Contínua/IBGE/IPEA

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/IPEA.

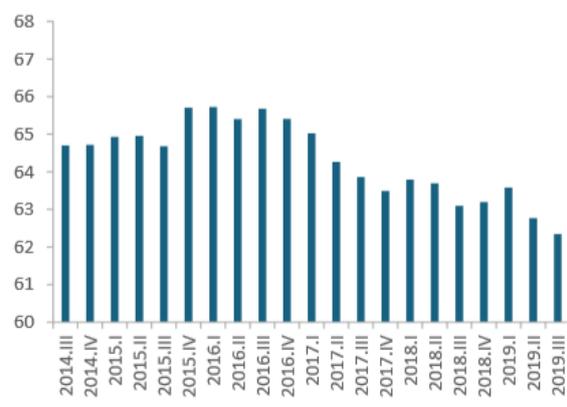
Um dos objetivos da pesquisa é analisar o percentual de contribuintes a previdência social, e de acordo com esta característica de contribuinte dividimos em duas partes os ocupados sem carteira e que contribuem para a previdência social e o percentual de ocupados que contribuem à previdência social, na (figura 4) temos a seguinte situação:

Figura 4. Percentual de ocupados com carteira e sem carteira que contribuem a previdência social

Percentual de ocupados sem carteira e conta própria que contribuem para a previdência social (Em %)



Percentual de ocupados que contribuem para a previdência social (Em %)



Fonte: IBGE/PNADC/IPEA

Elaboração: Ipea/Dimac

O percentual de ocupados sem carteira e que contribuem para a previdência tem um percentual aproximadamente de 31%, ou seja, estão no mercado informal, porém mantendo seus pagamentos para uma aposentadoria no futuro, agora com carteira tem a sua representatividade de 61% de contribuintes a previdência social.

Segundo o site Trading Economics, divulgou o percentual de alguns países da América do ano de 2019 o percentual da taxa em percentual do desemprego, o que podemos notar nesta lista que o Brasil é a 14° posição comparado entre 15 países classificados pelo Trading Economics. Perdendo somente para a Costa Rica. Mesmo assim, buscando dados somente dos países da América Latina, o país Paraguai se encontra em primeiro lugar com a menor taxa de desocupação que corresponde a 5,90%, logo em seguida vem Peru com 6,30% e por último Brasil, com 11,20% de desocupados. Essas configurações com a taxa elevado de desocupação do trabalho brasileiro, considerado como precária, o autor Leite (2009), relata que esta estrutura frágil é marcada por um alto grau de informalidade existente no país, que já bem desencadeando deste do ano de 1950, e que os indicadores não são reais conforme demonstrar os órgão de fiscalização.

Gráfico 1. Taxa de Desemprego – Lista de Países – América



Fonte: Trading Economics

Acesso em: <https://pt.tradingeconomics.com/country-list/unemployment-rate?continent=america>

Para Leite (2012), em seu artigo “Os desafios atuais da sociologia do trabalho na América Latina”, relata que os países envolvidos devem buscar possibilidades alternativas de forma autônoma para o desenvolvimento do trabalho e enfrentar os problemas sociais que acabam contribuindo de forma negativa a geração de empregos. E ainda contribui em sua pesquisa que a Argentina e Brasil vivem de forma semelhante a realidade econômica comparada com a França, porém França a sua taxa de desocupação é menor. Uma outra comparação de trabalho na faixa etária dos jovens, realizada por Cacciamali (2005), nos países Argentina, Brasil e México houve uma liberação econômica em períodos distintos, principalmente na Argentina e Brasil. Enquanto a Argentina a sua atividade principal é Agroindústria para exportação o Brasil mantém sua estrutura industrial, mas densa e complexa.

A comparação da magnitude dos efeitos que essas variáveis permitem demonstrar vale ressaltar o papel da educação do país e com a entrada dos jovens no mercado de trabalho. E vale lembrar a influência desses países na economia na geração do emprego.

Considerações finais

A análise dos dados anteriores leva-nos, a constatar que a demanda educacional do mercado de trabalho está associada fundamentalmente aos níveis de educação da população, e que ainda se concentra a ocupação no mercado de trabalho apesar de dados dos últimos três anos,

predomina ao gênero masculino. Outro dado importante analisado é que a população camponesa no Brasil tem a maior empregabilidade do que estão em zona urbana, obtendo mais acesso à educação e enraizado nas atividades familiares do trabalho. Tais teorias apontadas pelos autores, verifica-se que há um problema comum, que é social, seja na dificuldade de encontrar o primeiro emprego no mercado formal com registro em carteira ou até mesmo sem registro até que seja reconhecido na empresa para ter o primeiro registro. Os dados da informalidade nas quais o Ministério do Trabalho não tem acesso a esses dados se torna preocupante porque os desocupados não têm as garantias previdenciárias. E equivale o mesmo caso, para a educação, aqueles que tem o maior nível educacional tem trabalho e remunerações melhores e aqueles que tem menor nível educacional tem menos condições de estar empregados. Dados a qual demonstram quando se comenta com relação ao ensino fundamental incompleto que contempla em percentual com 25,7% estão desocupados. Outra característica apontada na pesquisa é que a taxa de ocupação entre as idades de 40 a 60 anos a taxa é bem menos comparado entre 18 a 39 anos.

E atualmente, o Brasil está em penúltimo lugar comparado pela América e por sua vez também somente na América Latina com a taxa de desocupação. Provavelmente esta pesquisa servirá como objeto de estudo para aprimorar os conhecimentos para identificar que com todos os países escolhidos por amostragens tenham um cenário economicamente não tão positivo comparado com o Brasil, porém estão melhor com a taxa de ocupação demais países.

E se queremos avançar para uma nova configuração resultantes da educação e o trabalho em um contexto impactante no processo de descimento no mercado de trabalho, devermos assumir um complexo estrutural de nossa sociedade e recolocar nessa nova formatação novos conceitos de educação e trabalho, com a reestruturação dos autores sociais para essa modelagem de vida sociologicamente ao mercado de trabalho.

Bibliografia de referência

Araújo, H. E., Botelho, R. U., Codes, A. L., Serrano, A. G., Pinto, L. M. (2014). A migração interna dos jovens como alternativa para melhorar sua inserção no mundo do trabalho: Evidências a partir dos censos de 2000 e 2010 – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1),237-264. **Cito no texto:** (Araújo, Botelho, Codes, Serrano e Pinto, 2014, p. 237).

Barbosa, F., e Araújo, H. (2009). Juventude e Cultura - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 223-242. **Cito no texto:** (Barbosa e Araújo, 2009, p. 223).

Biavaschi, C. et al. (2012). Youth unemployment and vocational training. (IZA Discussion paper, n. 6.890).

Cacciamali, M. C. (2005). Mercado de trabajo juvenil: Argentina, Brasil y México. Unidad de Análisis e Investigación sobre el Empleo Departamento de Estrategias de Empleo, 05(2), 1-116. **Cito no texto:** (Cacciamali, 2005, p. 27).

Camarano, A. A., Mello, J. L., e Kanso, S. (2009). Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 73-88. **Cito no texto:** (Camarano, Mello e Kanso, 2009, p. 73).

Camarano, A.A., Kanso, S., Mell, J. L. (2006). Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. In> Camarano, A.A. (Org). Transição para a vida adulta ou vinda adulta em transição? Rio de Janeiro: Ipea.

Campos, A. G. (2014). Jovens e sindicatos: desafios para o futuro da regulação do trabalho no Brasil. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiros – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1), 175-202. **Cito no texto:** (Campos, 2014, p. 175).

Cerqueira, D., Moura, R. L. (2014). Custo da juventude perdida no Brasil – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1), 291-320. **Cito no texto:** (Cerqueira e Moura, 2014, p. 291).

Cerqueira, D., Moura, R. L. (2014). Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1), 267-290. **Cito no texto:** (Cerqueira e Moura, 2014, p. 267).

Corbucci, P. R., Cassiolato, M. M., Codes, A. L., e Chaves, J. V. (2009). Situação Educacional dos Jovens Brasileiros - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 91-108. **Cito no texto:** (Corbucci, Cassiolato, Codes e Chaves, 2009, p. 91).

Corseuil, C. H., Foguel, M., Gonzaga, G., e Ribeiro, E. P. (2014). A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiros – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1), 157-171. **Cito no texto:** (Corseuil, Foguel, Gonzaga, Ribeiro, 2014, p. 157).

Corseuil, C. H., Santos, D. D., e Foguel, M. N. (2001). Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 01(1), 1-46. **Cito no texto:** (Corseuil, Santos e Forguel, 2001, p. 1).

Costa, J. S. M., e Oliveira, L. F. B. (2014). Perfil Educacional dos Jovens: Atraso e Fluxo Escolar. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiro – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada - IPEA, 14(1), 73-107. **Cito no texto:** (Costa e Oliveira, 2014, p. 73).

Costa, J. S., M., e Ulyssea, G. (2014). O fenómeno dos jovens nem-nem. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiros – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada - IPEA, 14(1), 115-137. **Cito no texto:** (Costa e Ulyssea, 2014, p. 115).

Ferreira, B., e Alves, F. (2009). Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 245-258. **Cito no texto:** (Ferreira e Alves, 2009, p. 245).

Ferreira, H., Fontoura, N. O., Aquino, L., Campos, A. G. (2009). Juventude e políticas de segurança pública no Brasil - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 193-219. **Cito no texto:** (Ferreira, Fontoura, Aquino e Campos, 2009, p. 193).

Fontoura, N. O., e Pinheiro, L. S. (2009). Síndrome de Juno: gravidez, juventude e políticas públicas - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 152-165. **Cito no texto:** (Fontoura e Pinheiro, 2009, p. 152).

- Gonzales, R. (2009). Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 111-128. **Cito no texto:** (Gonzales, 2009, p. 111).
- IPEA. (2019). Carta de Conjuntura. Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA. 19(45), 1-27.
- Jaccoud, L., Hadjad, P. D. E., Rochet, J. (2009). A política de assistência social e a juventude: um diálogo sobre a vulnerabilidade social? - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 170-189. **Cito no texto:** (Jaccoud, Hadjad e Rochet, 2009, p. 170).
- Leite, M. (2009). El trabajo y sus reconfiguraciones: Las nuevas condiciones de trabajo discutidas a partir de conceptos y realidades. Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo, 09(1), 7-33. **Cito no texto:** Leite, 2009, p. 13).
- Leite, M. P. (2012). Los desafíos actuales sociología del trabajo en América Latina. Sociología del trabajo, nueva época, 12(1), 29-52. **Cito no texto:** (Leite, 2012, p. 43).
- Letelier, G. M. E. (1999). Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. Caderno de Pesquisa, 107(1), 133-148. **Cito no texto:** (Letelier, 1999, p. 134).
- Margulis, M., Urresti, M. (1996). La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. (Org). La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud, Buenos Aires: Biblos.
- Menezes, F. N., Pichetti, P. (2000). Os determinantes da duração do desemprego no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, 2000(30).
- Neri, M. C. (2014). Onda jovem na educação profissional: Determinantes e motivações. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiros – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada - IPEA, 14(1), 21-71. **Cito no texto:** (Neri, 2014, p. 21).
- Paiva, A. B., Ribeiro, J. A., Silva, J. R., Servo, L. M. S., Nogueira, R. P., e Piola, S. F. (2009). Jovens: morbimortalidade, fatores de risco e políticas de saúde - Instituto de Pesquisa

Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 131-147. **Cito no texto:** (Paiva, Ribeiro, Silva, Servo, Nogueira e Piola, 2009, p. 131).

Rangel, L. A. (2014). Cobertura previdenciária de jovens no período de 2003 a 2012: uma investigação dos possíveis efeitos de políticas de incentivo à inclusão previdenciária. – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 14(1), 203-235. **Cito no texto:** (Rangel, 2014, p. 203).

Rangel, L. Pasinato, M. T. M. e Mendonça, J. L. O. (2009). Aspectos previdenciários da inserção dos jovens no mercado de trabalho nas últimas duas décadas - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 293-309. **Cito no texto:** (Rangel, Pasinato e Mendonça, 2009, p. 293).

Reis, M. C. (2014). Uma análise das características do primeiro emprego nas regiões metropolitanas brasileiras. Desafio à trajetória profissional dos jovens brasileiros – Instituto de Pesquisa Economica Aplicada - IPEA, 14(1), 141-156. **Cito no texto:** (Reis, 2014, p. 141).

Silva, A., Silva, J., e Rosa, W. (2009). Juventude negra e educação superior - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 261-290. **Cito no texto:** (Silva, Silva e Rosa, 2009, p. 261).

Silva, E. R. A., Andrade, C. C. (2009). A política nacional de juventude: avanços e dificuldades - Instituto de Pesquisa Economica Aplicada – IPEA, 09(1), 43-69. **Cito no texto:** (Silva e Andrade, 2009, p. 43).

Trading Economics (2019). Taxa de Desemprego – Lista de Países – América. Recuperado de <https://pt.tradingeconomics.com/country-list/unemployment-rate?continent=america>